

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

TODOS JUNTOS A CEIFAR O ARROZ!

NÃO HÁ LUGAR PARA PREGUIÇOSOS NA RPM

- Presidente Samora Machel na reunião popular realizada na Aldeia Comunal "Primeiro de Maio", no distrito do Limpopo.

Na passada terça-feira, durante a visita efectuada pelo Presidente Samora Machel à província de Gaza, onde participou nos trabalhos em curso, da ceifa de arroz no complexo agro-industrial do Limpopo, realizou-se uma reunião popular na aldeia comunal «Primeiro de Maio», em que o dirigente máximo da Revolução moçambicana exortou os camponeses, operários, estudantes, trabalhadores da função pública e outros, principalmente daquela mesma província, a participarem massivamente na importante jornada que é a ceifa de arroz no Vale do Limpopo, o «Celeiro do País». Eis a intervenção do Presidente Samora Machel, tal como foi feita, de improviso, naquele encontro:

Recebemos uma tarefa, do Governo da República Popular de Moçambique para visitarmos a província de Gaza. Ao visitarmos esta província, queremos conversar com os camponeses de Gaza, com os estudantes, com os operários, com os trabalhadores da função Pública, com a população em geral. Queremos falar com as crianças, queremos falar com os velhos, queremos falar com os jovens, queremos falar com as mulheres. Trata-se do trabalho da reconstrução nacional, trata-se de coordenação, trata-se de encontrarmos o mesmo pensamento de como desenvolvermos a província de Gaza, que foi escolhida como o celeiro da Nação.

A Província de Gaza é uma província rica, é uma província capaz de produzir castanha, é uma província capaz de produzir amendoim, é uma província capaz de produzir milho, é uma província capaz de produzir mandioca, é uma província capaz de criar em quantidade maior o gado, cabritos, ovelhas, porcos e outros animais.

Uma província capaz de abastecer Maputo e outras províncias, em tomate. É uma província capaz de produzir batata-doce, batata-rede, em quantidade suficiente para abastecer o país inteiro.

É uma província capaz de produzir feijão-manteiga, feijão-branco, feijão-ervilha, grão-de-bico, e outras qualidades de feijão. É uma província capaz de produzir milho para consumo nacional e para exportação. É a província capaz de produzir, em quantidade suficiente, o arroz para consumo de todo Moçambique e ainda exportar.

É uma província capaz de produzir carne, repolho, e outras qualidades de vegetais. É por que é que não produz a província?

São capazes de trabalhar com fome! Vocês são capazes de pedir à fome para vos emprestar a força na condição de virem pagar amanhã ou depois!

VAMOS LIQUIDAR A FOME

Falámos da luta contra a nudez, mas, primeiro, é a fome. Todos — homens, mulheres, crianças e velhos —, a sua tarefa principal neste momento, em qualquer parte da República Popular de Moçambique é lutar pela liquidação da fome.

A nossa luta era contra o ocupante estrangeiro — ontem, do Rovuma ao Maputo. Gaza, Inhambane, Manica, Sofala, Tete, Zambézia, Cabo Delgado e Nampula, todos estavam engajados para lutar, para expulsar o estrangeiro, o ocupante, o explorador, o dominante.

A preocupação de cada um era como liquidar o seu inimigo. A força de cada um era a força de todos, era expulsar o ocupante, o colonialista e conquistar a liberdade e a independência para poder trabalhar em liberdade. Não era expulsar o colonialista para sermos preguiçosos. Ouviram! Ouviram! Ouviram!

Ontem, antes da conquista da independência vocês dormiam no mato, vocês dormiam em cima das árvores, vocês alimentavam os crocodilos e os jacarés atravessando rios fugindo do chibuto (palmas) é ou não é, hem? Diziam que é preferível ser devorada por um leão fugindo a pé para África do Sul por não ter dinheiro de pagar o comboio, do que ter que ficar para ser governado por um colonialista, não é? — É! «Macacos» vocês!! Já se esqueceram não é!

OS SONHENTOS DO PASSADO

Ontem, proclamámos a independência e já se esqueceram disso. Ontem vocês alimentavam mosquitos... vocês, particularmente os de Gaza, Inhambane e Maputo. As vossas crianças cresciam sem conhecer os pais, porque os pais ficavam de vez no Jobane com o medo do colonialista, já se esqueceram não é!

Ontem vocês passavam o tempo a viver no mal com o medo do trabalho forçado, algemas. Lembra-se vocês disso?

Vocês, mulheres, também se lembram disso. Muitas mulheres que estão aqui perderam os maridos porque morreram no «Nwandzengole».

Não morreram! Muitas mulheres estão aqui sem marido porque morreram no «Guevane». Os maridos, enquanto estavam nas minas da África do Sul, os maridos enquanto estavam no «Nwandzengole» os maridos, enquanto estavam no Xinavane — Ka «Guevane» — as mulheres eram presas para puxar «Ndindasse», é ou não é!

«Macacos»!! «Macacos»!! Esqueceram-se não é! Olhem, os que lutaram, os que libertaram a vocês estão aqui. Ouviram! Os que dirigiram a luta na expulsão dos portugueses, estão aqui. Trabalharam muitos anos sem receber dinheiro (palmas).

Tantos anos nunca souberam o que era o vencimento, tantos anos nunca souberam o que era dinheiro, tantos anos nunca souberam o que era paião. O paião deles era o povo, era a independência, o paião era a liberdade.

Para lutar contra a miséria é necessário que cada um sinta a responsabilidade que tem, sinta a necessidade como sentiu quando o colonialismo estava aqui. Quando o colonialismo pesava sobre os ombros de cada um. Ai cada um estará consciente para lutar contra a miséria.

ACEITAR SACRIFICIOS

Não há milagres para lutar contra a miséria, se cada um começar por isto — «Eu vou trabalhar! O que é vou ganhar? Eu vou trabalhar para quem?» Assim, até hoje não teríamos ganho a independência. Ouviram!

Se cada um tivesse tido esse espírito, esse tipo de pensamento de — «Se eu vou lutar e morro quem vai assistir à independência» — até hoje não teríamos começado a guerra contra os colonialistas. «Não de morrer sem ver a independência».

Em isto — «Vou morrer antes de ver a independência, por isso não vale a pena lutar» — Quem teria pegado em armas para lutar contra o colonialista, quem teria lutado se cada um tivesse tido esse tipo de pensamento de — «Ah!, eu vou lutar e depois da independência o que vou ser, o que é que a FRELIMO me vai dar?» — Até hoje não teríamos lutado. Os que venceram o colonialismo não eram tantos como vocês aqui, aqui nesta reunião. Os que venceram o colonialismo, os que pegaram em armas para lutar contra o inimigo, eram tão poucos que, aqui vocês são umá-

tes, ouviram! Mas não conseguem acabar com a ceifa de arroz aqui em Gaza. Não conseguem ceifar o arroz! Porque querem dinheiro.

VALOR DO NOSSO TRABALHO

O arroz só está no Vale do Limpopo e não está em Massingir, Chicualacuala, Macia, Chibuto, Guijá, Manjacaze e Gaza. Só está no Vale do Limpopo e toda a população de Gaza não consegue fazer a ceifa de arroz em dez dias, porque (vocês) querem dinheiro, querem dinheiro, querem dinheiro não é!

O livro que o teu filho tem na escola é feito pelo arroz.

O professor, o teu filho na escola é o arroz que paga.

O sapato que o teu filho necessita é o arroz que vai trazer, o vestido, o lenço, a capulana e a mania que a tua mulher precisa é o arroz que vai trazer e você pergunta — «Esse arroz é para quem?»

O medicamento que tu precisas no hospital, a injeção que tu precisas no hospital, a cama que tu precisas no hospital e na maternidade, o enfermeiro que tu precisas no hospital, a parteira que tu precisas na maternidade, o médico que tu precisas no hospital são todos eles pagos pelo dinheiro que é trazido pelo arroz. Ainda perguntam de quem é o arroz.

Ainda perguntam de quem é o arroz. Parece que quando vão ao hospital não precisam de médico e a parteira. Quem é que lhes paga! Tu há de pagar, tens dinheiro, tens dinheiro! É porque é que deixam apodrecer o arroz! Hem! Hem!

Vem para aqui perguntar quanto é que devem ser pagos e quando vos dizem que são 50\$00, regressam para a casa e dizem que preferem cruzar os braços em casa. Preferem fazer dos braços almofadas, não é! «Macacos, vocês!! Vocês fazem das vossas mãos e braços almofadas, é ou não é!

O POVO DISSE NÃO A EXPLORAÇÃO

Quando nós proclamámos a independência, o Governo estendeu-se a terra continuaria nas mãos de um punhado de indivíduos ou se a terra ficaria nas mãos do povo. O Governo estudou se a exploração continuaria a ser permitida no nosso país ou não. Vocês tinham machamba aqui. O povo tinha machamba aqui. Vocês, alguma vez, durante o tempo de colonial viram uma produção tão organizada como esta! Já tinham visto uma produção de arroz como esta, hem! O pouco arroz, do melhor que vocês produziam ia para Portugal.

No ano passado houve cheias na Província de Gaza e o Governo teve a preocupação de salvar as vidas, o pouco dinheiro que o Governo tinha dispôs à Comissão formada para salvar a população de Gaza, cercada pelas águas. Trouxeram aviões, trouxeram barcos, trouxeram um pouco de comida, trouxeram um pouco de roupa para salvar a população da Província de Gaza. Como estamos a fazer hoje para com as províncias de Solala, Tete, Manica e Zambézia.

Alguma vez, fizeram isso os colonialistas! Porque é que não faziam! Vocês eram considerados pessoas! O que é que eram! O colonialista precisava de vocês para o trabalho forçado (para o chibalo). Havia régulos, onde estão eles! Foram vocês que acabaram com eles, ou foi o Governo! Que trabalho tinha os régulos! Era recrutar gente para o chibalo, recrutar gente para pagar o imposto e para a palmatória, não é! E preparar meninas para oferecer aos administradores e apanhar as vossas mulheres, não é! «Macacos!» «Macacos!» Já se esqueceram, não é!

Se vocês quiserem, nós mandaremos voltar os régulos (risos) — Está toda a gente a rir-se — Não foram vocês que mandaram acabar com os régulos, ouviram! Estão aqui os ministros que estudaram e viram a necessidade de acabar com os régulos e sipalos. Alguns sipaios estão aqui e agora olham para baixo. Se fosse no tempo do colonialismo este arroz já o teriam cozinhado.

Vocês têm um Governo, vocês mandam e têm opiniões sobre o trabalho, sobre a reconstrução nacional e vocês não sabem utilizar as vossas forças para ceifarem o arroz. Se vocês quiserem, nós vamos buscar os régulos para vos obrigar a fazer o trabalho mais depressa. Poderemos fazer isso porque não custa. É isso que vocês querem não é! Aqueles que estão calados lá no fundo precisam disso, não é! Aqueles que querem levantem os braços (risos). Quem são os que levantaram os braços! São os de Marrango! (risos). Vocês conhecem os Madunanes, Nganacanas, não conhecem! E por que não começam com a ceifa! Quem são os de Chibuto, levantem os braços! Os de Chibuto, que participam na ceifa, quem são! São todos vocês aí! Sentem-se. Obrigado.

E os de Guijá que estão integrados na ceifa quem são, levantem os braços. Obrigado.

E os de Limpopo também podem levantar os braços, onde estão! Muito obrigado.

E os de Macia onde estão, só são vocês! São muito poucos. Não! Vocês de Macia estão habituados a comer massalas, não é! Estão habituados a comer massalas. Vocês conhecem o arroz de Magalache de Macie, conhecem, não conhecem!

As pessoas de Xai-Xai que estão na ceifa, onde estão! Levantem os braços. Muito obrigado. Agora vamos aos que não ceifam o arroz, levantem-se! Se vocês não quiserem, eu vou mandar os que cortam o arroz para se levantarem e, nessa altura verão como serão descobertos e ficam depois sozinhos. Os que não ceifam arroz levantem os braços. Têm vergonha. Então! Vou pedir aos de Macia, Xai-Xai e Guijá que participam na ceifa. Levantem-se então. Levantem muito. Todos esses ceifam o arroz! Já acabaram!

O TRABALHO QUE AS ESTRUTURAS DEVEM FAZER

Vamos então a outro ponto. Quem vai sensibilizar a população, quem vai explicar ao povo o valor do arroz ser cortado em vinte dias! Nós somos a FRELIMO, somos comissários políticos ao nível do Distrito, da Localidade, ao nível das Aldeias Comunitárias.

São os administradores que são da FRELIMO, administradores de Distrito, administradores da Localidade, são os Grupos Dinamizadores.

Em Dezembro, elegemos as Assembleias do Povo, estas são as tarefas dos deputados das Assembleias do Povo e nós não tiremos isso. Outro ponto: prometemos dinheiro e não temos dinheiro, ouviram! Têm minas aqui! Onde vocês cavam o dinheiro! Já pagaram impostos todos vocês! — ainda não! E onde é que nós temos dinheiro para vos pagar, se vocês ainda não pagaram impostos! No tempo da guerra, nós tínhamos muito material de guerra na Tanzânia, e na Zâmbia. Havia mais gente do que aqui. Voltemos um pouco atrás. Além dos Grupos Dinamizadores, além dos Comissários Políticos, além dos Deputados da Assembleia do Povo e além dos Comissários Distritais e de Localidade, o Governo Provincial, o Governo Provincial de Gaza devia ter tido uma reunião maior do que esta para explicar a vocês o volume do trabalho. Ouviram! Ouviram vocês! — Como estamos a fazer hoje.

Depois desta reunião, vamos todos ceifar o arroz. Quando nós começámos a discutir com o povo, no tempo da guerra, nós avaliámos, já sabíamos que íamos derrotar o colonialismo.

A população que ia carregar o material — o material que permitia a liquidação do inimigo—não recebia comida, não recebia roupa, ninguém recebia dinheiro.

Íam carregar o material para lutar contra o inimigo.

Íam carregar o material para as escolas, para a educação das crianças.

Íam carregar material médico.

Íam carregar os medicamentos para tratamento dos nossos doentes e feridos. Nós não tínhamos carros.

O nosso carro eram as duas pernas que nós chamávamos «o carro n.º 11». Duas pernas para transportar o material a partir da Tanzânia até à Beira e Chimoio.

A partir da Tanzânia, até à Beira e Chimoio, nós marchávamos três meses consecutivos sem repouso, debaixo dos aviões, por cima das minas do inimigo. Quer dizer, nós marchávamos como daqui a ultrapassar Maputo cerca de duzentos e trezentos quilómetros, marchávamos homens, mulheres, crianças e velhos.

E nós aqui não queremos cortar o arroz porque queremos dinheiro. Como comprar um machimbombo que vocês utilizam como transporte, como é que virá o camião, como é que virá o tractor, como é que virá a charrua, a enxada, se vocês não são capazes de produzir arroz para exportação ou para compra desses materiais! Queremos liquidar a nudez, mas a Província de Gaza não tem fábricas de roupas. O que é que vai permitir adquirir mantas e roupas! O que é que vai permitir trazer açúcar à vossa província! O que permite trazer medicamentos, o que permite trazer cadernos, lápis e canetas é a venda do arroz. Isso permite trazer divisas para compra desse material e mercadorias para abastecer a Província de Gaza e as outras províncias também. Não é somente a Província de Gaza que fica beneficiada pelo arroz, mas sim o povo inteiro da Revolução

Maputo, mas sim todo o país.

O tomate que vocês produzem na Província de Gaza é vendido em Maputo, onde estão os operários das fábricas que produzem charruas, que produzem camisolas e que produzem lenços produzem sapatinhas, produzem botas e vêm vender à Província de Gaza, fazendo uma troca entre camponeses e operários. É por isso que dizemos aliança operário-camponesa.

QUEM ESTÁ CONTRA OS INTERESSES DO POVO

O nosso erro é de não levar as nossas ideias para vocês, ouviram? O nosso erro foi de não fazer participar a vocês na discussão.

E o vosso erro é de terem colocado o dinheiro em primeiro lugar. Os que incitaram a vocês, os que agitaram a vocês são os antigos.

Vocês conhecem, vocês conhecem os que disseram — «Se não dão dinheiro vamos deixar e vamos para casa» — Vocês conhecem os que disseram isso. Aqueles que lambiam e varriam os quintais dos régulos. E alguns estão aqui. Acordavam de manhã e iam cobrar com escudos aos indivíduos que vinham da África do Sul. Vocês conhecem dessas situações? Vocês sabem que quando se apresentava uma queixa a um régulo, o indivíduo que se queixava trazia consigo um cabrito para o régulo? Vocês sabem disso?

Esses que acordavam de manhã e faziam desses actos são os que hoje vos dizem que o dinheiro deve estar em primeiro lugar, porque esses já estão habituados desde há muito tempo, quando entregavam cem escudos ao régulo, este agradecia-lhes por cinco escudos e mais um «ximole» (meio litro de bebida tradicional). O nosso Governo não tem «ximole» (risos) e eles aqui onde vão encontrar «ximole»? Vocês também querem «ximole»? Não aceitam o sistema do nosso Governo? Preferem régulos e sipaios não é... Viva a população da Província de Gaza! Viva a população da Província de Gaza!

PARA PREPARAR O CELEIRO DO PAÍS...

Eu estava a dar um pouco de relatório do que foi a guerra e a participação da população, porque tinha um objectivo claro. Agora nós temos, na Província de Gaza, a ceifa do arroz. Comprámos cem camiões e queremos pagar à custa desse arroz. Comprámos quinhentos tractores, dos quais duzentos e vinte tractores vieram para a Província de Gaza para apoiar a campanha, para preparar o Vale do Limpopo. «o Celeiro da Nação», cumprindo as orientações e decisões do III Congresso.

É o arroz que vai pagar o carro, é o arroz que vai pagar o tractor, é a batata que vai pagar os tractores. E não temos outra fonte.

Tomamos planos de construir barragens lá para Mapai, talvez a maior barragem. Com a barragem do Massingir, com a Barragem do Limpopo, nós teremos que cultivar, na Província de Gaza,

cerca de trezentos mil hectares e esses hectares é como se nós cultivássemos o país inteiro.

É por isso que chamamos à Província de Gaza, o Vale do Limpopo «o Celeiro da Nação». Quando nós queremos cultivar os trezentos mil hectares não queremos depender da natureza, não queremos depender da chuva, queremos produzir duas, três vezes por ano.

Será necessário que vocês participem, trabalhem, se transformem em operários agrícolas; quer dizer, teremos que construir fábricas na Província de Gaza, o que não é suficiente.

A vossa Província é rica, será preciso cultivar muitos cajueiros para fabricar, para construir fábricas de descasque de castanha. Será preciso construir, na Província de Gaza, fábricas para produção de roupas. Não necessitar do Maputo, mas produzir roupa aqui. E para produzir roupa, será necessário vocês produzirem algodão suficiente para abastecer as vossas fábricas. Será preciso construir fábricas para produção de óleos, óleo para cozinha. Será preciso construir fábricas de sabão para que vocês sejam auto-suficientes.

Agora que vocês são preguiçosos, onde iremos buscar gente para manejar as fábricas, onde iremos buscar gente para manejar tractores, onde iremos buscar gente para este desenvolvimento económico da vossa província.

A vossa província tem capacidade de produzir laranjas, para produzir laranjas, de produzir tangerinas, de produzir limões, citrinos e vocês necessitam de sumo para o vosso consumo. Isso não é sonho.

COMBATER A IMPACIENCIA

Quando nós começámos a lutar contra os colonialistas não era sonho, era a realidade e hoje já vencemos. Nunca pensaram que os colonialistas seriam vencidos em Moçambique.

Ninguém pensava, diziam que os colonialistas têm navios de guerra, têm aviões, e têm muito dinheiro e portanto nós não estaríamos em condições de lutar contra o colonialismo. Mas a verdade é esta, quando nós planificámos, quando nós pensámos que o nosso pensamento seria uma realidade nós desencadeámos o combate.

O que vocês querem, eu sei o que é, vocês querem é que a criança nasça hoje e amanhã comece a andar. Quantos meses leva na barriga da mãe e, depois, para se levantar e pôr-se de pé quanto tempo leva? É um ano. São doze meses não é? E depois para deixar de mamar. Hem! É um ano e meio não é? Hem! Se não tem uma vaca para lhe fornecer leite, pode desmamentar em um ano e meio? A criança pode comer mandioca, batata-doce com um ano e meio? A criança pode comer milho torrado, mandioca? Se desmamentares com um ano e meio o que é que esperas dar? Respondam vocês, as mães. Dão papas (wupsa), é isso não é? Se for desmamentada com um ano e meio o que espera dar, hem! Respondam vocês, as mães, o que

é que não? E agora para começar a ir para a escola e começar a falar são quanto meses! Hem!

Vocês proclamaram a Independência em 1975 e querem que hoje esteja tudo pronto. Ora querem sapatos, ora querem mantas, carros, motorizadas, como é que é possível! Onde vêm essas coisas todas, donde vem isso!

Abaixo a preguiça! Abaixo a preguiça! Abaixo os infiltrados! Abaixo os infiltrados! Abaixo agentes do Ian Smith! Abaixo os agentes de Ian Smith! Abaixo os antigos PIDES! Abaixo os antigos PIDES! Viva a Revolução Moçambicana! Viva o Povo Moçambicano, unido do Rovuma ao Maputo! Viva a produção! Viva a produção!

Ora, hoje, todos os Administradores, a partir de agora — oiçam bem — terão de trazer para o corte de arroz, cada Administração, cinco mil pessoas. Cada Administração — Chicualacuala, Massingiz, Guijá, Macia, Limpopo, Manjacaze, Chibuto e

Xai-Xai — deverá trazer cinco mil pessoas para aqui, para o corte do arroz e acabar em dez dias. Ouviram! Ouviram! Falo aqui em nome da FRELIMO, da República Popular de Moçambique e em nome de todo o Povo do Rovuma ao Maputo, ouviram todos! Em dez dias, acabar com a ceifa, a partir do sábado, dia da maior concentração. Em dez dias, todo o arroz deve estar cortado no Vale do Limpopo. E os que participam, que já estão lá, amanhã estamos lá juntos e depois de amanhã todo o Governo está convosco. Mas a partir do sábado, a concentração deve ser de cinco mil em cada Distrito, para participação no corte de arroz. Hoje o Governador da Província de Gaza vai entrar em contacto com todas as estruturas do Partido, do Governo e as Assembleias do Povo. Nesta República regada de sangue, República carregada de sacrifícios, o preguiçoso não tem lugar, neste País, ouviram, Khanimambo a todos (palmas). Canta-se «Khanimambo FRELIMO.» Independência ou Morte, Venceremos!

(De: "Notícias", Maputo, 1978-06-16)